

2/4/86



*Caro Amigo:*

Já vão longe as nossas lides eleitorais! No entanto, quanto mais o tempo passa, maior é a minha gratidão por tanta dedicação, tanto entusiasmo e tanta lealdade. As palavras são pobres demais para conseguir exprimir tudo o que essa inabalável solidariedade representou e representa para mim. Orgulho-me de ter tido ao meu lado homens e mulheres capazes de resistirem a todas as pressões!

Durante estes primeiros meses post-eleitorais tenho estado bastante tempo fora do país, retomando os compromissos internacionais assumidos. Por isso, a minha presença política é, neste momento, pouco interveniente. As razões de fundo que explicam tal atitude são óbvias. Mas, para além desse tipo de razões, há um facto que constitue travão a qualquer actividade política no plano nacional: refiro-me ao facto de não estarem cumpridos os compromissos materiais da candidatura.

Apesar desta relativa "distância", considero meu dever dizer alguma coisa sobre o trabalho imediato:

1. Julgo que é muito importante que os núcleos que permanecem vivos encontrem o seu próprio caminho. Quanto mais diferenciados forem os núcleos maior será a garantia de que estão perto da realidade em que se inserem. Em Outubro, se houver suficiente trabalho realizado, ver-se-á com mais clareza a estrutura nacional mais adequada. Qualquer estrutura nacional "fabricada" agora cairia facilmente numa super-estrutura - não corresponderia de modo algum à nossa "cultura política" e não poderia ter, por isso, o meu apoio.

2. É, no meu entender, muito importante que os núcleos não se fechem no grupo de amigos sem falhas que "aguentaram" até ao fim. A tarefa fundamental é reconstituir a malha geográfica e profissional dos apoiantes da candidatura - que o mesmo é dizer que importa reconhecer quem se identifica com o projecto. Para tal a primeira etapa lógica é o contacto com todas as pessoas que subscreveram a proposta de candidatura, para se saber qual a sua disponibilidade e interesse.

3. Distinguimo-nos claramente durante o período eleitoral na defesa da democracia participativa. Continuo a não ter dúvida de que se trata de uma tarefa urgente na sociedade portuguesa e da maior importância na evolução do próprio conceito de democracia a nível mundial. Para além de outras formas de democracia participativa que nos são familiares, considero que é urgente tentar dar corpo àquelas que articulam a democracia participativa com a democracia representativa. Refiro-me em especial aos Conselhos Municipais (Artigo 253 da Constituição). Tal empreendimento supõe, naturalmente, que os núcleos locais adquiram um estatuto de associação, que estabeleçam contactos com todas as outras associações (económicas, sociais, culturais e profissionais) de modo a poderem acertar com elas os passos a dar junto das entidades autárquicas.

4. Sem prejuizo dos esforços que eu própria estou fazendo para garantir o cumprimento dos compromissos materiais assumidos durante a campanha (p.ex. estou a elaborar um livro para publicação nos Estados Unidos), penso que é possível, no contacto com os subscritores da candidatura, falar da situação financeira de modo a que cada um possa dar o seu contributo. Foi imensa a generosidade de todos os que trabalharam na candidatura e pode, talvez, parecer demais ainda outro contributo. Mas é justamente porque desejo que essa generosidade - que o foi também em dinheiro - seja conhecida de todos que penso ser correcta esta forma de abordar a fase final da campanha.

Em anexo, segue o texto da "fala" que pronunciei no almoço do dia 22 de Março em Lisboa.

Peço o favor de comunicar a todos os membros activos do vosso núcleo esta carta, reafirmando o meu profundo agradecimento.

Com a amizade da

Fundação Cuidar o Futuro  
*Maria de Lourdes Pintasilgo*

